

Elementos da Concepção Operativa de Grupo

Milton Bicalho*

A Concepção Operativa de Grupos, de história recente na América Latina, de uso bastante amplo no Brasil. Hoje, particularmente na Saúde Pública, práticas, as mais diversas, são nomeadas como Grupo Operativo. Este texto pretende percorrer um pouco as referências, os atores no sentido da história, não pretendendo uma gênese, mas assinalar alguns episódios e o contexto, em que a junção dos termos, Grupo Operativo, adquire força de sentido, numa expressão, dentro de alguns contornos teóricos metodológicos. Penso que estas referências se fazem necessárias, mesmo tendo em conta a sua parcialidade. O que se pretende, são alguns dados que lhe deram ensejo, para uma provisória localização histórica.

A América Latina marcada por regimes de força ou populista, tem em Buenos Aires um núcleo de agenciamento de movimentos sociais, de produções teórico-práticas, no campo “psi”. Na década de 60 a saúde mental adquire corpo, como questão, neste contexto. A Associação Psicanalítica Argentina (APA), abriga, em seu quadro psicanalistas que, em maior ou menor grau, têm atividade política explícita e organizada. Sob este prisma Marie Langer (alemã de origem judia), Enrique Pichon-Rivière e José Bleger têm destaque. De Bleger nos fala Marie Langer: “Era chamado de “O Rabino Roxo”. Neto de dois rabinos do lado materno e paterno. Muito maltratado pelo partido Comunista por suas tentativas de conectar Marxismo e Psicanálise em uma época em que os comunistas se aborreciam muito com a psicanálise”.

- Enrique Pichon-Rivière, além de fazer cargo de uma ala hospitalar, ministra breves cursos...;
- Emílio Rodrigué, tendo voltado da Inglaterra traz sua experiência com grupos, seguindo as linhas de Melanie Klein, Bion e Erziel (1955).
- Jovens candidatos entram para a A.P.A .
- Surgem várias publicações isoladas.
- É fundada a Associação de Psicologia e Psicoterapia de Grupo.

Este período não está desvinculado dos movimentos de contestação em que vive a Europa, incluindo aí, as Sociedades Psicanalistas. Surge o grupo Plataforma de ramificação internacional, que na Argentina, em 1971, rompe com o A.P.A. e a I.P.A., “único no mundo que se separou de uma Associação Psicanalítica por motivos políticos”. Isto se dá num momento de grande comoção Social na Argentina: As Insurreições Militares de Córdoba e Rosário: o surgimento de movimentos Guerrilheiros; o desenvolvimento de um sindicalismo combativo.

Pichon-Rivière, vive uma política que lhe é adversa, no Hospital das Mercês, onde trabalha. É produzida uma emergência institucional^(*) e são dados os contornos práticos do que se gestava na prática-teórica. Além daquela experiência, ditada por um constrangimento, há a intervenção, que foi denominada de “Experiência Rosário” (1958), realizada a cargo do Instituto Argentino de Estudos Sociais – (IADES), Planejada e dirigida por Pichon-Rivière, com participação de várias escolas da Universidade. Esta, é considerada como o “ponto de partida” que se fez ato, ha 30 anos na cidade de Rosário, Argentina. Um marco da proposta alternativa de intervenção no social: Grupo Operativo.

Marie Langer se refere a Pichon-Rivière como: “Marxista por conhecimento e formação, anarquista por história de Juventude e por paixão e convencido de que seus Grupos Operativos e sua psicologia social eram revolucionários”.

(*) Por razões de origem política, foi retirado o pessoal auxiliar que prestava serviço na ala que Pichon-Rivière dava assistência. “Esta circunstância levou-nos a formar um curso de enfermagem com os pacientes que estavam em melhores condições, desenvolvido em forma grupal...” (1965, pág. 107).

A dimensão que adquire esta História é assim expressa por Gregório Baremlitt (1982): “O movimento dos trabalhadores de saúde mental da Argentina na década de 70, cujas raízes eram psicanalíticas, foi tão intensamente combatido e irrecuperável pelo sistema que as forças armadas tiveram que varrê-lo da luta política por meio da utilização dos recursos mais extremos da guerra civil repressiva, a ponto de deixarem desmantelado o aparelho mesmo da saúde mental”.

O propósito destas colocações tem lugar numa tentativa de uma certa localização, precária e provisória, mas que dá notícias das influências que marcam esta formulação: Grupo Operativo. “... uma psicologia social se vê influenciada não só pelas origens epistemológicas que conscientemente reconhece, mas também fundamentalmente pelo momento histórico e formação econômico-social em que se produz”. (SAIDON, 1982)

Grupos Operativos: ENRIQUE PICHON-RIVIÈRE

No “Prólogo para o livro de F. K. Taylor ‘Uma análise da psicoterapia grupal’”, Pichon-Rivière (1963), assim se expressa: “Os pressupostos básicos ou esquema conceitual, referencial e operativo (ECRO), com o qual operamos na Técnica por nós elaborada, e que foi denominada de grupos operativos (1947), são constituídos por uma observação sistemática que se realiza juntamente com a análise das operações da mente em sua inter-relação social e no seu contínuo intercâmbio com o mundo externo-observação e análise que se centram, ambas na tarefa”

Pichon-Rivière, basicamente não escreveu livros. Suas produções são aulas, conferências e comunicações em congressos. Seus textos, a que temos acesso são copiados destas produções. Produções marcadas pelas escutas – os auditórios. Especialmente os da A.P.A., meio médico “onde as teorias obedecem a rigidez de suas instituições” (De Brasi, 1986). Um nítido exemplo desta interferência das escutas se dá, quando na premência de ser entendido ele afirma que Esquema um dos termos de sua construção ECRO, vem de fixar. De Brasi, 1986, contemporâneo de Pichon-Rivière, diz que ele trabalhava com a noção de Esquema como Hegel “considerada como uma estrutura em contínuo movimento, uma gestalt em evolução”. De Brasi, 1986, fala ainda, de “um auditório que compreende o transmitido sempre e quando o pode fixar”. (1986).

Pichon-Rivière, mais que um teórico foi um sujeito da ação, suas teorizações aparecem como uma tentativa de acompanhar sua prática, o que se percebe “ao longo de sua trajetória por definições diferentes e até contraditórias”. (Saidon, 1982). Bauleo fala de Pichon-Rivière, como “Aristocrata intelectual que ensinava popularmente. Buscava desmascarar dois monstros: o preconceito e o estereótipo inimigo acérrimo do dogmatismo. Sua obsessão era a criação”.

Devo ressaltar, que para Pichon-Rivière, o dogmatismo e o estereótipo resultam de uma aprendizagem, criando obstáculo a novas aprendizagens e impedindo a comunicação. Portanto “A Escola de Psicologia Social define-se como uma instituição centrada na aprendizagem e fundamentada em um esquema conceitual, referencial e operativo no campo da psicologia social”.

O Esquema Conceitual Referencial Operativo – ECRO – “Conjunto organizado de noções e de conceitos gerais, teóricos; referidos a um setor do real, a um universo do discurso, que permite uma aproximação instrumental do objeto particular concreto”. (Pichon-Rivière, 1972).

“Adotamos como instrumento primordial de trabalho, de tarefa e investigação, a técnica operativa do grupo, partindo da hipótese de que o grupo é uma estrutura básica de interação. O que converte de fato em unidade de trabalho e investigação” (Pichon-Rivière, 1972).

Pichon-Rivière, define grupo como “conjunto restrito de pessoas, ligadas entre si por constante de tempo e espaço e articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe, de forma explícita, uma tarefa que constitui sua finalidade”.

“A técnica operativa de grupo sejam quais forem os objetivo,s propostos no grupo

(diagnóstico institucional, aprendizagem, criação artística ou planificação, etc), tem por finalidade que seus integrantes aprendam a pensar em uma coparticipação do objeto de conhecimento, entendendo-se que pensamento e conhecimento, não são fatos individuais, mas produções coletivas” (Pichon-Rivière, 1972).

Para Pichon-Rivière, (1965) “O Grupo Operativo é um grupo centrado na tarefa... tem por finalidade aprender a pensar em termos da resolução das dificuldades criadas e manifestadas no campo grupal...” Ele enfatiza que grupo operativo, em primeira instância, é a ancoragem do cotidiano. Assim, a informação – a ferramenta teórica – deve ser abordada a partir do cotidiano para fazê-lo compreensível, para dar valor de uso a essa ferramenta teórica em uma práxis. Daí sua insistência na importância de partir da análise das fontes cotidianas, “vulgares” do esquema referencial.

“Toda situação de aprendizagem – estendendo-se a noção de ‘toda situação de aprendizagem’, a todo o tipo de manipulação do real, a toda tentativa de resposta coerente e significativa da realidade (adaptação) – gera nos sujeitos dois *medos básicos* que caracterizamos como medo de perda e medo de ataque: a) medo de perda do equilíbrio já obtido na situação anterior; b) medo do ataque de nova situação na qual o sujeito não se sente adequadamente instrumentado”. (Pichon-Rivière 1972, 78). No trabalho de investigação (Indagação e Ação) em permanente coexistência em que estão juntos comunicação, pontuação, aprendizagem – elaboração de tarefa, propicia efeitos terapêuticos, em última instância, a diminuição dos medos básicos.

Esta referência aos medos básicos vamos encontrar também em Pichon-Rivière,(1985), em “Grupos Operativos e Doença Única” onde ele se refere às ansiedades, paranóide e depressiva, numa alusão às posições Esquizoparanóide e Depressiva, descritas por Melanie Klein (1982).

A tarefa (trabalho grupal) que adquire prioridade no grupo é a elaboração de um esquema Referencial Comum [...] Esta construção de um ECRO Grupal constitui um objetivo cuja consecução implica um processo de aprendizagem, partindo sempre da indagação das fontes vulgares (cotidianas) do esquema referencial. Cada integrante leva ao grupo um esquema de referência e a partir deles irá se configurar um ECRO Grupal, em sucessivas “voltas de espiral” (1965,105).

“Um passo importante neste processo de esclarecimento, de aprender a pensar, é um trabalho voltado para redução do índice de ambiguidade grupal, pela resolução dialética das contradições internas do grupo, que tomam a forma de dilema, paralisando a tarefa através da confrontação entre indivíduo e subgrupos. A situação dilemática esteriliza o trabalho grupal e opera como defesa frente a situação de mudança” (PICHON, 1972, pág. 178).

PICHON introduz algo do original para pensar a problemática grupal. O seu enunciado “todo grupo tem tarefa” remete em cheio “... ao que há de mais fundamental na vida social humana / ... / a atividade produtiva”. (GENTIL, H., 1985, pág. 24).

Pensando os conceitos

A teoria e a técnica operativa de grupo, introduzindo a noção de tarefa, nos permitem pensar os grupos para além de um referencial exclusivamente psicanalítico como nos lembra BAULEO. Aqui a dimensão do trabalho, traz ao campo grupal a inserção do social, de suas relações de produção abrindo caminho à investigação da relação subjetiva com o trabalho – a ideologia que lhe dá suporte. Esta perspectiva descaracteriza uma suposta neutralidade.

Uma Digressão em torno do termo tarefa – Palavra árabe que se refere a trabalho e a

quantidade, evocando ainda a idéia de imposição deste. Nas várias acepções que são tomadas na língua portuguesa aonde chega através do castelhano – tarefa – está colocado o sentido de trabalho, sua medida, forma de contrato e seus limites. Se caminharmos em direção à filosofia vamos encontrar em MERLEAU PONTY a idéia de que o ser do homem é uma aporia, paradoxo, obstáculo, como ser de desejo e, portanto tarefa. Neste sentido a liberdade de escolha recai sobre a tarefa, pois estar em tarefa é algo que se impõe pela própria condição do ser humano.

Grupo Operativo, nos diz NICOLÁS CAPARRÓS, distingui-se de outras práticas grupais por ter uma tarefa explícita – autêntico líder do grupo. Neste sentido, intervém SAIDON: “O valor do grupo está no fato de implicarmos em uma tarefa comum, nunca previamente definível a não ser nos seus objetivos mais estratégicos” (1983, pág. 94) – questão de que participa JUAN CARLOS DE BRASI: “A noção de tarefa, não tem a ver com a noção de objetivo comum, pode-se pensar a tarefa como algo que referencia e não como algo que homogeniza”.

Este “estruturando” teórico-prático – Grupo Operativo, que está calcado nos aportes de PICHON RIVIÉRE concebe o trabalho grupal como uma triangulação: Grupo-Tarefa-Coordenador. O coordenador localizado a uma certa distância que o possibilite visualizar as vicissitudes desse movimento triangular e, assinalar – pontuar a relação grupo-tarefa. BAULEO se perguntando pela auto gestão dos grupos afirma que a coordenação é fundamental para a leitura da latência grupal, dos emergentes que surgem e manter um enquadre como espaço real de funcionamento. O descentramento do coordenador traz outra ótica para pensar o líder do grupo. Este se fará emergir a cada momento, aspecto do movimento grupal. Inclusive, a manutenção de lideranças, a sustentação de “líderes carismáticos” e mesmo a ausência de emergência de líderes no grupo é um índice da produção e criação grupal.

A noção de distância tomada da psicanálise permite pensar o lugar do coordenador de grupo para além de uma relação recíproca grupo x líder. A sua instrumentalização articulada à noção de tarefa cria a oportunidade de trabalhar com a noção de líder interno à gestalt grupal. Aqui “o lugar descentrado do coordenador fala de uma postura política de grupo que se gesta via tarefa” (BICALHO, M., 1985, pág. 13).

Tarefa no sentido de uma referência a margear, “uma consigna de lançamento”, “um fator disparador”, um fator em torno do qual cria-se, elabora.

A localização da tarefa traz, por si mesma a nomeação da realidade no grupo, pois sua inserção já está dada pelos sujeitos ali. A realidade balizando na produção grupal inserida, contextualizada. Perspectiva que marca uma diferença com práticas grupais que propiciam uma exacerbação da afetividade, exercitando uma mobilização imaginária como fim em si mesmo.

A introdução da noção de tarefa-trabalho no grupo marca uma certa produção imaginária, marca uma interdição que aponta a possibilidade simbólica. Possibilidade de que como sujeitos possam enfrentar a questão de seu status – o lugar na história que se situam. É na elaboração da tarefa que a idéia de limite se evidencia e a própria morte do grupo é colocada no horizonte.

Tarefa não no sentido de algo a ter que dar conta, ou dar cabo, mas como inscrição que têm os sujeitos ali. Inscrição social, econômica, política, desejante. Tarefa como inscrição do sujeito no mundo.

A proposta grupal, explicitada, tarefa manifesta, subjaz o latente. Aquele, o manifesto, responde pelas exigências imediatas, marca o “dever ser”, fruto de ideologia dominante. O latente, também marcado pela ideologia, como inscrição social dos sujeitos, fala das fantasias de uma possível produção. Apontam para a ruptura de estereótipos que dificultam a aprendizagem e a comunicação (processos recíprocos). A rigidez e o estereótipo constituem o ponto principal de ataque nos diz PICHON, (1972, pág. 178). A expressão do latente não é necessariamente verbal.

Sua abordagem pelas latências grupais... emergentes... algo que “corre à margem”, como gestos... falas... balbucios... sentidos se produzem. “Nesta dinâmica, ocorrem mudanças, reformulações de tarefas, novas demandas, outras perguntas... outros lugares...”.

“A tensão criada no grupo entre tarefa manifesta – o “dever ser” e os desejos ali envolvidos, marcam o trabalho grupal. Neste campo de forças elaborar uma possibilidade coloca a interdição nos possíveis... Aparece aí a tarefa como limite ao imaginário de todos os possíveis...”

Para efeito didático quero localizar a tarefa como a proposta grupal como o próprio trabalho grupal – elaboração da tarefa. “Apropriar-se e construir com ela” constitui uma tarefa, o que estou chamando de trabalho grupal. Devo reafirmar que esta distinção é apenas didática, pois são vertentes de uma mesma questão a atividade grupal e a sua tarefa.

A noção de tarefa enquanto trabalho grupal se instrumentaliza articulando-se com as noções de pré-tarefa e Projeto.

É denominado de pré-tarefa a esse movimento no grupo, de confronto, entre o certo saber que lhe dá referências ou outro que se avizinha; pautas estabelecidas e que está por vir – o velho e o novo – “o estranho”; sair de “si mesmo” à possibilidade coletividade coletiva. Esta circunstância coloca em questão a sua suposta integridade individual e se produz uma certa recorrência ao que PICHON denomina de postergação da tarefa. “Age como se” para que “tudo mude”, “sem sair do lugar”. A elaboração das ansiedades vividas constitui a tarefa (trabalho grupal), inclusive aí a eleição de sua tarefa possível dando-se conta das noções de espaço e tempo introduzindo limites e a própria morte é colocada no horizonte. “É com certa depressão que o grupo processa a elaboração da tarefa..., estratégias e táticas e o assumir-se como sujeito ativo”.

A distinção antes localizada entre tarefa proposta do grupo e tarefa como trabalho grupal, faz sentido aqui, pois pré-tarefa não se refere a uma anterioridade da tarefa proposta, mas uma certa produção grupal – o seu trabalho. Neste sentido talvez o mais próprio não seja falar de distinção, mas de vertentes de um mesmo processo.

O projeto como dimensão da transcendência grupal “é um emergente da tarefa como diria PICHON”: Transcendência enquanto além e aquém da tarefa, mas que o tem em perspectiva. Corresponde aos elementos do grupo sem guardar, com nenhum deles uma relação pontual.

O projeto é resultante da dinâmica grupal, seu coeficiente. É do trabalho grupal, tendo a tarefa como referência que surge o projeto. É a proposta de criação do grupo. São esboços parciais, articulações que estruturam e organizam, via estratégias e táticas que se explicitam. BAULEO nos diz que quando as pessoas vão participar de um grupo têm a fantasia da criação de projetos como uma face da moeda sendo a outra face um projeto de criação. Neste sentido o projeto como produção do movimento grupal é a pontuação dos possíveis colocados de antemão. Possíveis que seduzem e ameaçam como genéricos. É o projeto como vislumbre, como um “quantum” de indeterminação que garante a produção grupal.

Na minha experiência tenho percebido que o grupo ao apropriar-se da tarefa, imaginariamente está fomentando projetos. A elaboração da tarefa o delinea. Este movimento grupal coloca, com frequência, o coordenador condensado aí. A noção de “apropriação do produto” se coloca em evidência, pois ao coordenador compete escandir, marcar o seu lugar distanciado do grupo, já tendo colocado pra si seu próprio projeto, em outro lugar.

Pensando o grupo como o ponto de mediação da relação indivíduo-sociedade, a conjunção dos dois termos grupo-operativo fala de uma configuração do que pode operar-se – um dispositivo. O grupo como esse campo em que pode operar-se tomando para este verbo o sentido que nos traz o AURÉLIO: “operar: verbo transitivo direto, produzir, realizar (qualquer efeito)”. Em FREUD

vamos encontrar este sentido como se coloca na tradução em castelhano do texto de 1912 “Sobre o início do tratamento”. Aí ele sugere ao analista “abster que certas comunicações sejam feitas ao paciente até que surja uma transferência operativa”.

A expressão grupo-operativo, portanto denota um grupo que se faz questão – sua tarefa. As produções teóricas, técnicas que se articulam em torno desta perspectiva de abordagem do grupo, tem-se pensado, como uma Concepção Operativa de Grupo. Se se mantém a expressão grupo-operativo, tanto para instrumental de abordagem do grupo como para uma certa articulação do próprio grupo – o dispositivo Grupal, se devem aos vínculos teóricos, afetivos como PICHON RIVIÈRE e suas primeiras formulações.

Finalizando quero afirmar: Grupo-Operativo como um dispositivo. Uma certa leitura, uma práxis com grupos, a Concepção Operativa de Grupo. Concepção que tem na tarefa do grupo o núcleo de uma possível produção coletiva que pensa o coordenador do grupo a uma certa distância que o permita acompanhar a relação grupo-tarefa. Distância que permite ao coordenador abrir mão da liderança grupal, atento aos líderes, nos diversos momentos do trabalho grupal. Concepção que pensa o trabalho grupal pondo limites ao narcisismo, portanto reconhecendo as angustias e resistências provocadas. Concepção que se afirma como gestão de noções, conceitos teórico-práticos, um horizonte de reflexão, uma práxis no campo psicossocial.

Quero afirmar o projeto como ilusão e objetivo; que supõe estratégias e táticas que lhe dá substância, mas é a sua condição de promessa que mantém o grupo – o trabalho grupal.

(MILTON BICALHO)

BIBLIOGRAFIA

1. BAREMBLIT, Gregório. Notas estratégicas... in *Grupos teoria e técnica*. Rio de Janeiro: Graal/IBRAPSI, 1982.
2. BAULEO, Armando. Problemas de psicologia grupal, in *La propuesta grupal*. México: Folios Ediciones, 1983.
3. BICALHO, Milton. Grupo operativo. In *Grupos...intersecções*. Centro de Socioanálise, Instituições e Grupos – CESIG, Belo Horizonte: Mazza Edições, 1985.
4. CAPARRÓS, Nicolas. Teoria y Prática de grupos operativos, in *Psicologia y Sociologia de grupos*. Madri: Editorial Fundamentos, 1975.
5. De BRASI, Juan C. Elucidações sobre o ECRO, in *Boletim nº 9*. do Centro Internacional de Investigação em Psicologia Social e Grupal, Veneza: 1986.
6. FREUD, S. *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), Edição Standard Brasileira, vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
7. GENTIL, Helio S. Sobre a dimensão política no trabalho com grupos. In *Grupos...intersecções*, MG, Centro de Socioanálise, Instituições e Grupos - CESIG, Belo Horizonte: Mazza Edições, 1985.
8. KLEIN, Melanie. et. Alli. Algumas Conclusões Teóricas sobre a Vida emocional do Bebê. In: *Os Progressos da Psicanálise*, Rio de Janeiro: 1982.
9. LANGER, Marie. e outros. *Memória, história y diálogo psicanalítico*. Buenos Aires: Folios Ediciones, 1984.
10. PICHON-RIVIÈRE, E. Técnica dos grupos operativos (1960), In: *O processo grupal*, São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1983
11. _____. Prólogo para o livro de F.K.Taylor... (1963), in O processo grupal, São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1983
12. _____. Grupos operativos e doença única (1965), in O processo grupal, São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1983
13. _____. Contribuições à didática da psicologia social (1972) in O processo grupal, São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1983
14. SAIDON, Osvaldo. O grupo operativo de Pichon-Rivière... in Grupos: teoria e técnica. Rio de Janeiro: Graal/IBRAPSI, 1982.
15. _____. Propuesta para un analisis institucional de los grupos, in Lo grupal. Buenos Aires: Ediciones Busqueda, 1983.